



* A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODAS AS REVISTAS FEMININAS PORTUGUESAS *

Morreu no Japão a verdadeira Madame Butterfly

depois de ter negado que a protagonista
da ópera de Puccini simbolise a alma japonesa

Esta notícia, bem sensacional, chega-nos do Japão:

«Madame Butterfly, ao contrário do que até hoje se disse, não morreu de amor, pois acaba de falecer em Kyoto, a velha capital japonesa, com a soberba idade de cem anos.»

A nossa primeira reacção perante estas linhas foi de demorada surpresa. Podia lá ser! A delicada, amorosa e fatalista Butterfly, figura da ópera de Puccini que tantas vezes admirámos e aplaudimos, teria mesmo existido? Duvidámos por largo tempo. Considerando-a desde há muito criação dum portentoso cérebro de artista, por mais que nos tivesse penetrado o seu drama não a aceitávamos senão como símbolo duma originalíssima mulher oriental. Mas, acicatados de curiosidade, procurámos destrinçar a verdade daquela estranha notícia, conseguindo saber que, na realidade, essa delicadíssima figura feminina existiu.

A verdadeira Butterfly, a verdadeira inspiradora do célebre maestro italiano, chamava-se Karuko Katayama. Filha dum meio ambiente fortemente inspirador, denunciou desde mui pequenina uma tendência marcante para a dança. Ainda com verdes anos, lembrando uma flor pequenina, improvisava sem método, entre a família, diversas figuras coreográficas. Agradava, achavam-lhe graça encantadora, mas, na verdade, os melhores adivinhos não lhe previam um retumbante e glorioso futuro.

Aos quinze anos, porém, a bailarina Karuko Katayama era já uma figura célebre. Os seus compatriotas empenhavam-se em admirá-la e aplaudi-la, e o mesmo sucedia também aos estrangeiros, que lhe dirigiam convites sobre convites para correr o mundo numa «tournée» triunfal. As avultadas ofertas recebidas, e entre elas as dos americanos, não a decidiram, contudo, a deixar o seu país. Apaixonados, fanatizados, os japoneses respeitavam-na como um ídolo nacional. Esse era o tempo em que apenas os homens eram considerados figuras úteis e próprias para a cena. Das mulheres, estampas coloridas e delicadas, dizia-se serem estimáveis inutilidades. Mas, com a vitória de Katayama, tudo mudou, nivelando-se os dois sexos na mesma estatura artística.

No ano de 1873, Karuko Katayama, ainda em plena juventude, era, na sua arte, um sol radiante em todo o Japão. Foi nessa época que ela criou a dança que, mais tarde, devia ser imitada em tôdas as cenas do mundo: «A dança das flores de cerejeira». A sua volta levantaram-se então clamores de apoteose e hinos de homenagem. Músicos, poetas e artistas prosternaram-se a seus pés, em sentida admiração. Os empresários das grandes capitais reiteraram-lhe novos e obstinados convites. Katayama não quis nunca abandonar a sua pátria nem os seus compatriotas, que ela considerava os mais sinceros dos seus admiradores. E, desprezando honrarias e ruidosas recepções em terras estranhas, honrou-se sempre mais em ser a única actriz japonesa recebida no Mikado, onde era considerada um tesouro nacional.

Bailando ainda aos oitenta anos, Karuko Katayama recebia as homenagens das jovens gerações, que a consideravam como a própria alma da dança.

Há cerca de quinze anos, a famosa bailarina abandonou definitivamente o palco, depois de ter ensinado a centenas de dançarinas os segredos da sua arte, tendo nessa altura produzido os seguintes conselhos sobre a sua juventude e actividade:

— Vivei sempre simplesmente e no respeito da moral e da tradição. Comei pouco e dai preferência às coisas sãs.

E, interrogada sobre se achava bem que Puccini se tivesse inspirado na célebre «Dança das flores de cerejeira» para compor a sua tão conhecida opereta, retorquiu, quasi indignada:

— Não, não; a «Madame Butterfly» não é o Japão. Os brancos não nos compreendem. Puccini nunca nos podia compreender...

Karuko Katayama, segundo um dos seus biógrafos, uma vez que ouvira essa ópera, teria mesmo saído antes do espectáculo terminar, com os olhos rasos de lágrimas de revolta.

Mulher singular, a mais admirada e estremecida, Karuko Katayama odiava a Europa e os brancos, assim como detestava a civilização, a guerra, a emancipação feminina, nada mais havendo para interesse do seu espírito do que o velho Japão, com suas tradições, costumes e lendas seculares.

Sabe-se que a inspiradora de «Madame Butterfly» morreu em beleza. Embora centenária, seu rosto, nos derradeiros dias de vida, tinha frescura e mocidade. Dizia-se que ela possuía um segredo de mocidade eterna. Indiferente ao que dela se dizia, Katayama limitava-se a sorrir. Mas, em conversa com as amigas e colegas mais novas, recomendava-lhes:

— Se quereis ser novas, sempre e para sempre, vivei apaixonadamente para a dança.

